



DA AUTORA DE NOCTICADIA

Só os banidos sabem
o que reside para lá da floresta.

ANÁTEMÀ

KERI LAKE

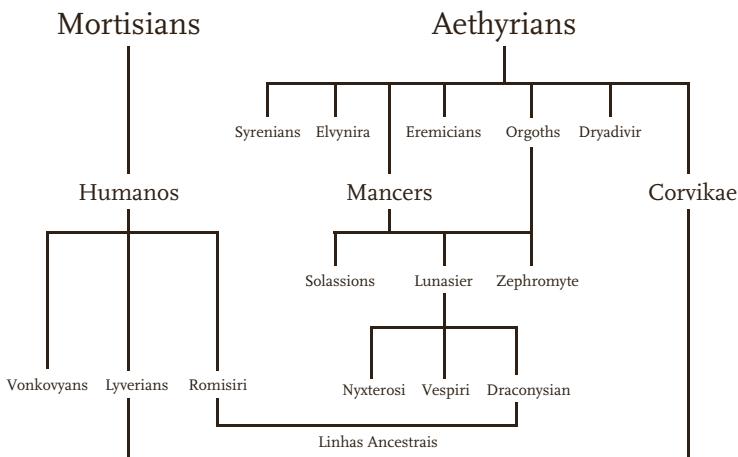
TOP
SEL
LER

SÉRIE
THE EATING WOODS

*Para os que se sentem perdidos numa floresta negra
e sem caminho a seguir.*

Acreditem na magia para lá das árvores.





Raças Aethyrian

Corvikae [cor-vi-kai] — Tribo antiga mortal que foi extinta devido ao genocídio; adorava a Deusa da Morte; diz-se que tinha sangue Corvugon; oriunda do Norte de Nyxteros.

Traços distintivos: cabelo escuro, pele bronzeada clara, mortais.

Dryadivir [dri-ad-i-vir] — Raça de Aethyrians que vivem na floresta e por vezes conseguem assumir a forma de árvores; bastante inteligentes e frequentemente procurados pelo seu conhecimento; crê-se que são os antepassados dos Mancers; oriundos do Leste de Vespyria.
Traços distintivos: pele rugosa como a casca ou as raízes das árvores; chifres semelhantes a galhos, capazes de manipular o poder elemental.

Elvynira [el-vi-ni-ra] — Aqueles que praticam magia através de Nexumis; altamente inteligentes e frequentemente desejados como conselheiros do rei; oriundos da ilha nevada de Calyxar.

Traços distintivos: pele escura ou bronzeada, cabelo branco (embora alguns tenham cabelo ruivo e tez pálida), orelhas pontiagudas.

Eremician [e-rei-mi-chian] — Os que vêm das terras desérticas de Eremicia; guerreiros com aptidões excepcionais cujo poder consiste na capacidade de manipular a areia e o fogo.

Traços distintivos: cabelo escuro, pele com escamas que pode ficar da cor da areia, olhos grenás.

Lunasier [lu-na-sir] — Mancers cuja magia hereditária é alimentada pela lua; oriundos de Nyxteros, Draconysia e Vespyria.

Traços distintivos: cabelo escuro ou prateado, pele prateada ou pálida, olhos azuis ou dourados.

Mancers/Manceborn — Humanos imortais nascidos com magia de sangue.

Orgoths — Criaturas semelhantes a ogres, conhecidas por serem extremamente violentas; não possuem magia, mas sim uma força excepcional; oriundas no Norte de Solassia e Maleviarys, no Sul de Vespyria.

Traços distintivos: Humanoides musculados com pele verde ou azul, alguns têm presas aguçadas e orelhas pontiagudas.

Solassions [so-lei-chuns] — Mancers cuja magia hereditária é alimentada pelo Sol; oriundos de Solassia; acredita-se que foram os primeiros Mancers imortais.

Traços distintivos: pele bronzeada clara, cabelo louro, olhos azuis.

Syrenians [sai-ri-ni-ans] — Habitantes marinhos com caudas escamadas longas e pretas e barbatanas. São descritos como tendo uma beleza hipnotizante, mas muito perigosos, já que são ferozes e adoram o sabor da carne de Mancer. Encontram-se nas profundezas geladas e escuras no Mar de Primmian; alguns marinheiros humanos afirmam ter visto Syrenians também no Mar de Abyssius.

Traços distintivos: cabelo preto ou branco, pele escura ou pálida, olhos prateados ou dourados. Os que vivem no fundo da Fossa Crussurian têm, presumivelmente, olhos pretos e pele cinzento-clara.

Zephromyte [ze-fro-mai-te] — Cruzamento entre Mancers e Orgoths; altamente agressivos e competitivos; renegados pelos Orgoths.

Traços distintivos: são tendencialmente semelhantes a Mancers, mas têm corpos mais musculados, alguns podem parecer-se mais com Orgoths e ter menos músculos.

Glossário

- Aço Venetox** — Metal forte que se diz ter sido forjado em Nethyria;
- Ascendênci**a — Fase da vida, semelhante à puberdade, em que os Mancers começam a ter acesso à sua magia hereditária;
- Aura** — Vestígio de magia que permanece e pode ser usado para identificar um mancer;
- Azurmadine** — Elemento encontrado nas cavernas de Sawtooth e que emite um brilho azulado;
- Baga Morum** — Baga adocicada que cresce em videiras e é usada para produzir vinho; as folhas usam-se para fabricar um óleo que se diz ter a capacidade para afastar os espíritos malévolos; as flores fazem parte da família Beladona e a sua ingestão é altamente tóxica;
- Bellatrix** — Guerreiras femininas, metade Sollassion e metade Zephromyte;
- Caligorya** — Espaço negro no interior da mente;
- Caligosi** — Animal cuja pele é usada para cabedal;
- Cammyck** — Roupa interior masculina;
- Cantafel** — Feitiço que possibilita a passagem pelo Umbravale (e que só alguns conhecem);
- Carnavor** — Demónio que vive na floresta e tem um apetite voraz por carne humana;
- Carnifican** — Mancer que consumiu demasiado vivicantem e se tornou violento;
- Catallys** — Criaturas notívagas que vivem na floresta, cruzamento entre um gato e um falcão;
- Celaestrioz** — Criatura agressiva semelhante a um pirilampo, mas com rosto humano;
- Cerimónia de Transformação** — Ritual de passagem para jovens mulheres quando atingem a idade adulta e a maturidade sexual;
- Chicklebane** — Flor apimentada que serve como relaxante muscular;

- Cor de Aethyria** — O coração de Aethyria, situado a milhares de quilômetros abaixo da superfície, onde a chama negra é mais quente;
- Corvugon** — Primo do Drakon, criatura serpentiforme, com quatro patas, pena, bico e asas. Expele fogo prateado;
- Deimosi** — Medos que os que morrem deixam para trás e que, mais tarde, se transformam em sombras;
- Demutomância** — Alteração do sangue; forma de magia proibida;
- Drake** — Criatura serpentiforme com quatro patas e sem asas;
- Drakon** — Criatura serpentiforme, sem asas;
- Duelo de magos** — Técnica de combate que incorpora glifos sobrenaturais e feitiços de sangue;
- Duoculos** — Condição que afeta a pigmentação da íris depois de uma lesão;
- Erva dindle** — Poderoso afrodisíaco;
- Espirítinos** — Criaturas pequenas semelhantes a fadas que vivem na floresta, de corpo franzino e rosto humano; altamente agressivas; atacam em bandos;
- Fervenszi** — Bebida alcoólica potente;
- Flamellian** — Aquele que pratica Sangramento de Fogo;
- Flammapul** — Veneno que provoca paralisia extrema quando introduzido diretamente na corrente sanguínea ou em ferimentos;
- Fogo Sable** — Elemento dos deuses, forjado no Cor de Aethyria;
- Forenzycaris** — Mancer que se especializa em investigar assassinatos e auras;
- Forja nas brasas** — Ritual que consiste na ingestão de Fogo Sable; é extremamente perigoso — pode causar deformações naqueles que já atingiram a idade da ascendência; só foi bem-sucedido uma vez;
- Fragor** — Rocha que pode ser detonada com um encantamento adequado, provocando grandes explosões;
- Glifos** — Símbolos que coincidem com tipos específicos de magia de sangue; aparecem nas palmas das mãos sob a forma de cicatrizes;
- Golvyn** — Criatura metade homem, metade ratazana que vive nas muralhas dos castelos;
- Initios** — Cerimónia levada a cabo pela realeza para iniciar uma celebração; uma bênção;

- Keltzig** — Unidade monetária na forma de moedas de prata;
- Koryn** — Grandes serpentes com escamas que habitam fossos e rios;
- Lascar** — Capacidade para se transportar de um lugar para outro através de paredes e superfícies planas;
- Letalista** — Assassinos do rei cuja identidade é frequentemente mantida em segredo;
- Ligaçāo abissal** — Poder para manter alguém preso no caligorya;
- Liro** — Unidade monetária (mais valiosa do que o keltzig) na forma de moedas pretas;
- Lunamiska** — Expressão: Minha pequena bruxa da lua;
- Luz Prelunar** — Luz da lua que ajuda os alimentos noturnos a crescer e confere poder aos **Lunasier**, uma raça de Mancers cuja magia de sangue é alimentada pela lua;
- Magestrolian** — Irmandade de elite composta pelos magos mais hábeis; conselheiros do rei;
- Magriço** — Criança nascida em Nilivir; não tem magia de sangue e não pode ter filhos (estéril);
- Malevol** — Um espírito demoníaco;
- Malustone** — Pedra dourada que consegue infligir tragédia quando oferecida a alguém;
- Mimicorvo** — Espécie de aves criadas pelos Magestroli que servem de espiões e imitam tudo o que ouvem;
- Mortemian** — Coletores de morte da cidade;
- Muripox** — Doença extremamente contagiosa que provoca bolhas hediondas sobre toda a pele;
- Nectardeium** — Néctar dos deuses, bebida alcoólica potente;
- Nexumis** — Capacidade para manipular glifos sem magia de sangue; prática usada pelos Elvynira;
- Nilivir** — Mancers que perderam a sua magia de sangue ao longo do tempo, por falta de vivicantem;
- Nilmirth** — Sérum da verdade potente que provoca um mal-estar violento a quem mente;
- Pahzatzs** — Tubérculo, semelhante a batatas;
- Pendulnyx** — Mamífero de tromba comprida, mais pequeno do que o elefante;
- Primyria** — Língua antiga dos deuses, falada por alguns Vespíri;

- Prodozja** — Forma protetiva de magia de sangue que aparece sob a forma de um animal/inseto;
- Pyromago** — Mancer que consegue manipular o fogo;
- Quints** — Unidade monetária (menos valiosa do que o keltzig), na forma de moedas vermelhas;
- Raiz de Sickhash** — Raiz de planta por vezes dada a crianças antes de se deitarem, para as adormecer;
- Rapax** — Predador de crianças /pedófilo;
- Rapiuza'mej et rapellah'mej** — Numa tradução lata: *Toma-me e arrebata-me ou Toma-me à força*;
- Raptacy** — Elixir, originalmente concebido para ser um tónico para dormir, que aumenta a libido;
- Sangramento de Fogo** — Ato de salpicar flammepul sobre a língua, depois fazer pequenos cortes sobre a pele e lamber os ferimentos para transferir o veneno; provoca paralisia extrema;
- Sangue Superior** — Nobres de Aethyria, abastados;
- Septomir** — Cetro poderoso que foi usado para criar o Umbravale, alimentado pelo sangue dos sete;
- Serotonics** — Venenos de sangue frequentemente produzidos em laboratórios ilegais;
- Sexsells** — Aqueles que se dedicam a atos sexuais a troco de dinheiro;
- Tecelões** — Bolsas de ervas que se usam para afugentar os pesadelos e os espíritos malignos;
- Tónico Mandrawyld** — Tónico potente com propriedades alucinogénias extraído das raízes da mandrágora negra e da floresta selvagem;
- Umbravale** — Barreira criada pelo septomir que separa Mortasia de Aethyria;
- Veio** — Fendas profundas de lava através da qual o fogo negro se ergue vindo do Cor;
- Veniszka** — Termo Aethyriano para bruxas mortais que lançam feitiços;
- Vivicantem** — Nutriente extraído dos veios, necessário para a magia de sangue; sem o seu consumo, a magia de sangue dissipa-se;
- Wickens** — Termo Mortasian para descrever os espirítinos.

Glifos

Aeryz [a-e-ris] — Vingança do vento; glifo que usa o vento para derrubar um adversário;

Erigorisz [e-ri-go-ris] — Poder de levitar objetos com o pensamento;

Evanidusz [e-va-ni-dus] — Desaparecer num fumo negro; tornar-se invisível ao olho nu;

Propulszir [pro-pul-sir] — Repelir poderes; glifo protetor que evita a leitura do pensamento;

Osflagulle [os-fla-ju-le] — Poder de quebrar ossos; basta um golpe para os destruir.

Deuses de Aethyria

Deimos [dei-mus] — Mortal que se tornou Deus do Caos e do Fogo;

Magekæ [mei-ge-cai] — Deus da Alquimia e da Imortalidade;

Morsana [mor-sa-na] — Deusa da Morte;

Pestilios [pes-ti-li-os] — Deus da Pestilência e da Fome;

Vivarya [vi-va-ri-a] — Deusa da Fertilidade.

Nota da Autora

Caro leitor,

Se é a primeira vez que lê um dos meus livros, quero agradecer-lhe por arriscar na minha primeira incursão pela fantasia gótica. O meu objetivo é criar uma experiência de leitura que lhe seja agradável, por isso, antes de mergulhar em Anátema, quero clarificar o que pode esperar desta história.

Os enredos dos meus livros são tendencialmente intrincados e com muitas camadas; embora o romance seja um dos muitos elementos que incluí nesta história, não é o único. Se espera ansiosamente pelas partes mais picantes, elas hão de chegar, mas deixe-me avisar que estamos perante um *slow burn*. Será atormentado por páginas de tensão quase insuportável antes de atingirmos o clímax, por assim dizer. Por favor, tenha isto em consideração à medida que se aventura neste mundo.

E agora, uma palavra de cautela...

Este livro inclui múltiplas situações que têm o potencial de ser perturbadoras e acionar alguns eventuais gatilhos. Pode consultar a lista completa de avisos-de-conteúdo-com-spoilers na minha página: <https://www.kerilake.com/anathema-full-trigger-list>

Prólogo

Há duzentos e onze anos...

Lady Rydainn segurava o filho pequeno nos braços à medida que se aproximava do veio incandescente que, há uns dias, se abrira no chão como uma fenda de fogo negro esfomeado e a rosnar. Com as duas luas praticamente fundidas numa só, o abismo de lava violeta endurecera para formar pedra, deixando meros resquícios cintilantes da chama sinistra. Estava quase na altura de colher a rocha ígnea, mas não estavam ali pelos benefícios que ela lhes podia trazer.

Estavam ali pelo próprio fogo.

Os homens que, por norma, vigiavam o veio, protegendo-o dos ladrões, jaziam agora reduzidos a pilhas de cinzas, os seus corpos e armaduras chamuscados e transformados em fuligem inútil que se espalhava ao vento. Tendo sido queimados vivos por uma chama tão quente, Lady Rydainn conseguia sentir a sua radiância a uns cem metros de distância. O Fogo Sable. Um elemento antigo dos deuses, forjado há éones no coração escaldante de Aethyria. Bastava um simples toque para reduzir um corpo a cinzas e o sangue a pedra.

E agora, chegara ali para oferecer Zevander, o seu segundo filho, ao fogo.

Não de livre vontade, naturalmente. Lady Rydainn teria preferido sacrificar-se a si própria naquele instante, se assim pudesse poupar Zevander a um destino tão cruel. Infelizmente, o mago que exigira a troca não estava interessado na sua oferta piedosa. Queria o seu filho mais novo e mais ninguém.

Forçou-se a fitar aquela alma negra e corrupta que estava ao lado do filho mais velho e do marido, a observar cada passo que ela dava em direção à beira do veio. O homem que viria a conhecer como o mago mais perigoso de toda a Aethyria, um dos poucos que controlava o habitualmente caótico Fogo Sable e descobriria uma forma de recolher

o seu poder letal e divino. outrora, ele fora o Mago principal do rei, um membro dos reverenciados Magestroli, mas caíra em desgraça e fora afastado sob acusações de demutomância — um tipo de magia negra decretada ilegal por ordem do rei.

Cadavros. O mero nome era suficiente para lhe provocar um arrepião que lhe percorria a espinha.

Ainda assim, ela e o marido tinham sido forçados a fazer aquele pacto faustiano com o mago em troca da sua proteção contra os Solassions, que perseguiam a família. Guerreiros implacáveis, os Solassions eram conhecidos pela sua brutalidade e violência. Eram carrascos que teriam tornado as suas execuções num verdadeiro desporto.

O mago recluso abordara os Rydainns no seu momento de desespero com uma oferta que estes não podiam recusar. Um feitiço de proteção poderoso contra os que queriam as suas cabeças, em troca da magia de sangue do filho mais velho do casal — uma amostra apenas, que Cadavros assegurou que usaria apenas nos seus estudos.

Se ao menos Lady Rydainn tivesse o poder de voltar atrás no tempo... Teria ralhado consigo mesma pela sua estupidez. Ter-se-ia alertado para não confiar nas mentiras do mago. Porque o que ele retirara ao seu filho mais velho foi bastante mais do que uma *amostra* da magia que este possuía.

Os olhos negros e redondos nas órbitas profundas e sem alma fitaram-na de volta, como se quisessem desafiá-la a fugir do seu vulto fantasmagórico. Diz-se que, em tempos, fora um homem bonito, mas a magia negra e proibida afetara-o terrivelmente, cravando as garras na sua carne e transformando-o numa besta maldosa. No cimo da sua cabeça cresceram hastes longas em forma de ramos, com chifres revirados para trás. A sua pele rija apresentava rugas tão profundas que faziam Lady Rydainn pensar na casca das árvores, e dizia-se que nas veias negras e pulsantes do mago corriam pequenas serpentes enclausuradas sob a pele.

O mal à espera de ser libertado.

O seu aspetto era o resultado do ritual *Forja nas Brasas*, que aplicara a si mesmo e que pretendera aplicar ao filho de Lady Rydainn. Acreditava-se que só as crianças pequenas conseguiam suportar este ritual sem ficarem permanentemente desfiguradas, graças a não terem ainda passado pela fase da Ascendência.

Ao lado do mago estava o marido dela e o filho mais velho de ambos, Branimir, cujas veias negras e protuberantes e pele rugosa denunciavam as deformações hediondas resultantes do primeiro sacrifício dos Rydainns, apenas há poucas semanas. Quando Branimir começou a evidenciar as mesmas mutações grotescas de Cadavros, o sacrifício revelou-se insuficiente para o mago ganancioso. Embora Branimir estivesse ainda longe da puberdade e da sua Ascendência à magia de sangue, a transformação física já se iniciara, mesmo antes de a chama corromper a semente de magia que existia dentro de si. E apesar de as deformações físicas não serem tão pronunciadas como as do mago, estas asseguravam que a pobre criança jamais teria acesso ao seu verdadeiro poder — porque assim que a chama negra entrava no corpo, destruía toda a magia de sangue natural.

As exigências de Lady Rydainn em quebrar o pacto diabólico que fizeram com Cadavros revelaram-se infrutíferas quando este ameaçou chacinar ambos os rapazes, caso ela não cumprisse com o exigido. Considerando as muitas inquisições a que assistira em que o mago exercia o seu poder com uma crueldade impiedosa, aquelas não eram ameaças vãs.

As lágrimas toldavam-lhe a visão e os passos vacilavam à medida que se aproximava do veio. O filho mais novo dormia-lhe nos braços, completamente ignorante da noite escura que pairava sobre si. Uma escuridão que mudaria para sempre o bebé inocente que tanto amava.

Rezou durante horas aos antigos deuses com a esperança de que o seu destino pudesse ser outro, de que o filho pudesse, de alguma forma, ser poupadão. Infelizmente, os deuses nunca lhe responderam às preces, e a escuridão fechou-se ao seu redor à medida que as luas deslizavam para as sombras.

Se tivesse tido oportunidade, teria fugido de Mortasia há muito tempo e levado o pequeno Zevander para lá do Umbravale que separava as terras mortais de Aethyria. Um lugar que se acreditava não ser mais do que uma terra estéril, inundada de fome e morte.

Não havia lugar onde se esconder. Nem para onde fugir.

O remorso nos olhos do marido não a comoveu, e a raiva voltou a correr-lhe no sangue com um fervor renovado. Afinal, foram os *seus* comportamentos nefastos em terras solassianas que selaram o destino

de toda a família. A determinação inflexível de elevar o seu estatuto social, não obstante o que isso custasse. Controlou a orgulhosa magia Lunasier que lhe pulsava nas veias e que teria certamente fulminado o marido, tivesse ela essa inclinação violenta. Quão facilmente ele se deixara convencer a entregar os seus únicos filhos.

Foge, incitava a mente de Lady Rydainn. *Salva-os*.

No entanto, para Branimir era tarde demais. O filho mais velho fora o primeiro a ser submetido ao ritual, e os seus olhos negros tornaram-se ainda mais vazios ao longo das duas semanas que se passaram.

O tom macilento da pele do filho era testemunho das horas desde então, as quais passou fechado nas catacumbas do castelo, uma tentativa do pai em mantê-lo afastado dos olhos do mundo. Os outros aldeões ter-lhe-iam chamado *uma abominação*, o que era compreensível. O que prosperava dentro dele não era o poder dos deuses, mas uma maldade profundamente enraizada que se fortalecera nas semanas desde o ritual.

Não conseguia suportar a agonia que lhe trazia a ideia de ver o seu bebé jubilante, um eco do menino amoroso e querido que Branimir fora um dia, a sofrer o mesmo destino.

A medida que o luar lhe incidia no selo gravado na nuca, o poder de Lady Rydainn estremeceu como um fio puxado da trama, penetrando no tecido grosso do manto e provocando uma carga de energia que lhe zuniu nas veias. Despertou todas as células do seu corpo, fazendo chegar uma corrente gelada às pontas dos dedos dela, onde implorava por libertação. Era aquele o efeito da lua sobre todos os Lunasier, e Zevander contorceu-se nos braços da mãe, como se pressentisse a vibração sob a sua pele.

Os poderes do bebé ainda demorariam anos até se manifestarem, e ela ansiava pelos momentos enternecedores de descoberta que em breve ficariam para sempre manchados pelo veneno da chama.

Afastada do filho mais velho e do marido, manteve a distância da chama, a respiração a tornar-se mais rápida enquanto Cadavros se aproximava de si. Enroscou os dedos à volta de Zevander quando o mago estendeu um dedo ossudo, que se assemelhava mais a um ramo do que a um membro, e arrastou a ponta sobre o rosto suave e angelical do menino. Deixou atrás de si um rastro de sangue, e Zevander

agitou-se, soltando um suave lamento que foi aumentando de intensidade à medida que o corte superficial se transformou num lanho profundo e negro. O seu aspetto era tão assustador e maligno que Lady Rydainn se interrogou se o dedo do mago continha um veneno letal. Cadavros voltou a estender o braço e, por instinto, Lady Rydainn afastou o bebé, protegendo-o com as suas mãos. Quando olhou para o ferimento hediondo, uma nova raiva despontou dentro de si. A magia até então controlada veio à superfície, enroscou-se nos seus ossos e debateu-se contra a sua pele, exigindo castigar o mago. O bebé gritava-lhe nos braços, com o rosto muito vermelho e os membros a tremer. Na maior parte das noites, ele mal chorava; quase ninguém o ouvia, era um bebé feliz desde o dia em que viera ao mundo, e dilacerava-lhe o coração de mãe ouvi-lo gritar com tamanha aflição.

No entanto, era inútil debater-se contra Cadavros. Com o poder do Fogo Sable sob o seu comando, o mago não hesitaria a reduzi-la a cinzas, como fizera com os guardas que tentaram enfrentá-lo quando a família chegou ao veio.

Uma lágrima caiu-lhe pelo rosto.

— *Pilazyo. Orosj tye clemuhd* — murmurou. *Por favor, imploro a tua clemência.*

Sem proferir uma palavra, Cadavros pôs as mãos por baixo do bebé, e as lágrimas de Lady Rydainn tornaram-se histéricas quando ele o puxou.

Com um movimento súbito, voltou a aproximar o filho de si, apertando o menino contra o peito.

— *Nith! Nith hazjo'li! Je fili meuz!* Não! Não vou fazer isto! É o meu filho!

O grito agudo que Zevander soltou quando Cadavros o arrancou dos braços da mãe accordou todos os seus instintos. Num acesso de loucura, Lady Rydainn atirou-se ao homem-bestia que levava o seu filho em direção ao veio escaldante, mas uma força invisível atingiu-a na garganta, retirando-lhe o ar. Um fumo negro rastejou da sua boca, abafando as palavras que ansiava dizer. *Para! Rendo-me!* O seu atacante oculto segurou-a ali com o punho invisível, enquanto Cadavros não olhou sequer para ela.

Lorde Rydainn deu um passo em direção à mulher em sofrimento, mas, assim que se aproximou, a sua perna estalou por baixo de si,

o osso a partir e a emitir um ruído dilacerante. Os seus gritos ecoaram pela floresta que os rodeava e caiu ao chão, com a perna dobrada pelo joelho, num ângulo errado.

Branimir nem se mexeu, os olhos turvos, vazios e perdidos.

Apesar da pressão na garganta e da falta de ar nos pulmões, Lady Rydainn gritou pelo filho, estendendo-lhe os braços, mas de nada valeu. Agulhas de terror espetavam-se-lhe na espinha enquanto Cadavros segurava o bebé na curva do braço e esticava a outra mão de pele ligeiramente ladrilhada para a chama negra que se erguia do veio reluzente. A brasa negra que capturou brilhou-lhe na palma da mão, e o choro de Zevander acalmou, o menino aparentemente hipnotizado com a visão tremeluzente que o mago segurava por cima de si.

Lady Rydainn choramingou e vacilou, os joelhos enfraquecidos da derrota, e, antes de conseguir fechar os olhos daquele horror, Cadavros pressionou a palma da mão contra a boca do bebé, abafando-o com a chama negra.

Zevander contorceu-se e esperneou, os pés minúsculos a pender com impotência no braço do seu captor. Uma mistura potente de raiva e angústia sacudiu o corpo de Lady Rydainn, e uma torrente infindável de lágrimas irritantes toldou-lhe a visão.

Branimir mexeu-se e, a avaliar pela forma como grunhiu e tapou as orelhas, estava demasiado ciente da ganância com que aquela chama tudo consumia. Era como se também ele conseguisse sentir a dor do seu irmão mais novo.

O trauma que ambos os filhos tão amados eram obrigados a suportar rasgou o coração da mãe em mil farrapos. As lágrimas continuavam a escorrer enquanto via as chamas negras a sair da pele do filho bebé, lambendo o ar da noite como as línguas escuras de serpentes.

Zevander parou de se debater e o seu corpo ficou inerte. As chamas morreram, instalando-se sobre a sua pele na forma de malévolos redemoinhos pretos.

A escuridão aceitara-o e marcara-o.

Uma maldição eterna.

Cadavros ergueu o bebé e aproximou o rosto sem nariz do peito despidido de Zevander. A boca abriu-se numa amplitude impossível e abocanhou a cabeça do bebé.

— Não! Oh, deuses! *Não!* — Um grito rasgou-se inutilmente por entre a fúria que lhe inundava o peito à medida que Lady Rydainn via com horror o mago sinistro a tentar devorar o seu filho.

Mas então, Cadavros soltou um rugido sonoro e tirou a criança da boca. Inclinou a cabeça para o lado, inspecionando as marcas negras que permaneciam sobre a pele do bebé. Um som profundo e gutural ecoou pelo seu peito e rosnou, voltando a dirigir a atenção para a chama.

— *Quer sa'il?* O que é isto?

Voltou a olhar para o menino, passando o dedo sobre uma das marcas do seu peito. Com um bramido, agarrou no rosto de Zevander e atirou-o para a fissura incandescente.

— Não! — O grito que ecoou pela floresta teria sido o suficiente para acordar os deuses antigos do seu sono, e Lady Rydainn estremeceu enquanto amaldiçoava os seus nomes e exigia que a libertassem.

Lorde Rydainn uivou em agonia e rastejou em direção ao veio, arrastando a perna terrivelmente mutilada atrás de si.

— Seu degenerado! Seu pulha degenerado!

Cadavros voltou a rosnar, o fumo a erguer-se da sua pele em espirais, o corpo a tremer. Levou a mão até à chama e segurou o corpo do menino, que não chorava nem gritava. Não se mexia de todo.

A agonia cravou as garras no coração de Lady Rydainn enquanto examinava o corpo do filho ao longe. Os seus olhos procuravam um sinal de vida. As mantas que o protegiam arderam com a chama e deixaram-no completamente exposto; a cabeça caída para o lado, os olhos ainda fechados.

Estaria vivo? Oh, deuses, por favor, que ainda esteja vivo!

Ainda a rabujar, Cadavros segurou o bebé à sua frente, observando-o com uma malícia que fez com que o estômago dela se contorcesse.

— *Pilazyo* — tremeu com a veemência da súplica. — *Jye suaparcz vitaez.* Poupa a sua vida.

Fiapos de fumo pairavam ainda sobre o rosto do mago, e ela viu o brilho da carne viva para lá da pele grossa que lhe cobria o corpo.

Foi então que Lady Rydainn percebeu: na tentativa de fazer mal ao seu filho, e sem saber como, o mago sofrera a dor ele próprio.

A pressão na sua garganta afrouxou e, drenada de todas as forças, deixou-se cair para o chão. Quando os pés em forma de cascos pararam

novamente à sua frente, ergueu os olhos para ver Cadavros a devolver-lhe o filho inerte, segurando-o descuidadamente pelos braços como se a criança não passasse de um saco de batatas. Com os débeis braços estendidos, aceitou-o e embalou-o contra o peito. Sentiu um calor escaldante a queimar-lhe a pele, mas recusou-se a largá-lo.

— Está vivo? — perguntou Lorde Rydainn, a sua voz o espelho da dor e infelicidade, enquanto se agarra ao chão para rastejar na direção de ambos. — Ele vive?

Ela ignorou-o, a sua fúria ainda demasiado aguçada para se preocurar com o sofrimento do marido. De seguida, aproximou o rosto do filho do seu e sentiu as pequenas baforadas de ar quente que lhe saíam da boca.

Graças aos deuses! Zevander ainda respirava. Expirando com dor e alívio, segurou-o contra o peito ainda com mais força e beijou-lhe o cimo da cabeça. O seu bebé querido sobrevivera ao Fogo Sable — um destino que teria deixado qualquer outro reduzido a cinzas, como acontecera aos pobres soldados.

E, no entanto, ele sobrevivera. Por um milagre dos deuses, a sua vida fora poupada.

Quando o bebé acordou, os olhos outrora azuis e inocentes estavam agora da cor do vinho, com torvelinhos alaranjados e dourados que convergiam na pupila, formando um eclipse negro. Os cabelos prateados que ainda há pouco começaram a crescer queimaram-se no fogo. A alma de uma criança inofensiva e amorosa desaparecera. No seu lugar ficaram vestígios de uma aberração que os deuses certamente abandonariam.

Contorcendo-se nos braços da mãe, a criança arrunhou e palrou, o que era uma imagem peculiar, tendo em conta a provação pela qual passara há instantes. O golpe no seu rosto escurecera numa cicatriz negra que se assemelhava ao veio de onde fora retirado. Das margens da cicatriz saíam pequenas veias pretas, como os afluentes de um rio num mapa.

Lady Rydainn tocou-lhe com um dedo trémulo, mas, assim que o fez, recolheu-se ao sentir a dor escaldante que se espalhou por toda a sua pele.

— Como pudeste fazer uma coisa destas? — murmurou, levantando os olhos para o marido. — *Como pudeste fazer uma coisa destas?*

Lorde Rydainn soluçava ao longe, e o seu ódio por ele aumentava a cada nova descoberta da maldição que se abatera sobre o filho bebé.

Branimir aproximou-se, os seus olhos arregalados com deslumbramento. As lágrimas nos olhos da mãe toldavam a visão do filho ao recordar o nascimento de Zevander e a forma como o irmão mais velho olhou para o mais novo com a mesma curiosidade.

Branimir estendeu a mão para Zevander e arrastou o dedo sobre a marca do seu peito, o mesmo arabesco negro que tanto enfurecera Cadavros. Examinando mais de perto, pareceu-lhe ver palavras escritas em Primyrian antigo, por entre a espiral, e Lady Rydainn pensou que se assemelhava a um selo gravado sobre o coração do filho mais velho. Os lábios de Branimir contorceram-se num esgar enquanto murmurava as palavras que trespassaram a consciência da mãe: «*Il captris nith reviris.*»

O que é tirado jamais será devolvido.



PARTE I



Capítulo 1

Maevyth

Povoação de Foxglove Parish

Atualidade...

Há algum tempo que a floresta não comia.

Espreitei para lá do arco macabro, para as profundezas de Witch Knell, a parte amaldiçoada da floresta onde os pecadores iam morrer. O lugar recebera o nome há séculos, por ser onde as bruxas eram sacrificadas e a sua história sombria perpetuada para servir de castigo para os hereges e moralmente corruptos. Os locais chamavam-lhe a *Floresta Devoradora*, porque por vezes os corpos daqueles que para ali eram banidos apareciam na orla das árvores, depois de a pele e a carne ter sido retirada. Tão severamente destroçados que a única coisa que confirmava que tinham sido banidos eram os grilhões de metal que permaneciam em redor dos ossos.

Ramos torcidos e ossos aguçados, cobertos por geada, enroscavam-se uns nos outros e formavam o arco sinistro que marcava a entrada da floresta. De ambos os lados, os carvalhos retorcidos e fustigados pelo tempo, com os troncos cobertos por teias geladas de roseiras bravas espinhosas, formavam uma parede impenetrável que se estendia por centenas de hectares. O céu pesado e nublado proporcionava uma luz fraca que não permitia que se visse com clareza para lá dos troncos que me lembravam cadáveres disformes, contorcidos pela dor enquanto tentavam estender os braços para o céu. Selvagem e faminta, a floresta esperava pela sua próxima refeição, que devia chegar ao meio-dia em ponto.

Baixei o olhar para as minhas botas gastas e puídas, cujas biqueiras ainda não tocavam nas pedras mesmo por baixo do arco da entrada, naquela fronteira que, uma vez ultrapassada, acordaria o monstro no outro lado. Foi o mais perto que alguma vez estive do nefasto limiar, da entrada para todas as coisas violentas que aconteciam por entre

as grandiosas árvores. Por muita curiosidade que sempre tivesse tido em saber o que havia para lá da floresta, nunca me atrevi a pôr um pé naquele labirinto nebuloso das árvores. Nunca ninguém se atrevia, a não ser que fosse forçado a entrar, porque a Floresta Devoradora nunca devolvia o que lhe era oferecido.

Uma rajada de vento inverno soprou a bainha do meu vestido preto, o roçar do ar nas minhas pernas a mexer-me com os nervos. A capa à volta dos ombros não me protegia grandemente do frio agressivo que me chegava aos ossos. Porém, não era o vento nem o frio que me deixavam a tremer, mas sim os rumores do que existia por entre as árvores.

Alguns habitantes murmuravam histórias sobre um Carnavor — um demónio com um apetite voraz por carne humana. Acreditava-se ser um castigo dos indígenas, o povo que fora afastado das suas próprias terras para os territórios mais a Norte. Outros contavam histórias de Wickens, pequenas fadas da floresta que guardavam em si as almas das bruxas desprezadas, que atraíam e consumiam os condenados, imitando vozes familiares. A maior parte das pessoas em Foxglove Parish, incluindo o governador, acreditava que o anjo do julgamento vivia na floresta e castigava todos os que renegavam o seu adorado Deus Vermelho.

Fosse como fosse, a floresta devorava indiscriminadamente quem lá entrasse, porque nem todos os que para ali eram banidos tinham sido más pessoas, considerando que era sabido que, numa ou duas ocasiões, a floresta já chamara para si crianças pequenas que mal sabiam andar.

Em certa ocasião, até um bebé de colo lá foi deixado.

Eu não tinha mais de um punhado de dias quando fui encontrada abandonada à frente da entrada amaldiçoada, num cesto de verga, com uma única rosa preta sobre o peito. Ninguém sabia quem me deixara ali, mas todos os habitantes da povoação especularam que, quem quer que tivesse sido, devia acalentar a esperança de que a floresta também me devorasse.

Felizmente, alguém me encontrou antes das árvores e deixou-me na soleira da porta da família Bronwick. De outra forma, o mais certo era eu ter acabado por sofrer o mesmo destino de todas as vítimas devoradas pela floresta voraz.

Contavam-se tantas almas. Talvez até centenas. O homem a quem chamava avô, Godfrey Bronwick, era possivelmente uma delas. Dizia-se que, depois de beber demasiado vinho de Baga Morum, se desorientou e entrou na floresta, para ser engolido nas suas profundezas nebulosas.

Infelizmente, nunca ninguém se atreveu a entrar lá para o procurar. Nem mesmo o meu pai.

O meu pai.

Uma carta formal, que segurava entre os dedos, agitava-se com o vento, enquanto eu vislumbrava fragmentos da caligrafia decorativa sobre o pergaminho grosso. Chegara naquela manhã num sobreescrito selado com a cera vermelha e o brasão do rei. Era apenas uma forma elegante de confirmar que o meu pai adotivo fora morto ao serviço dos fanáticos Homens Santos, o ramo religioso dos exércitos Vonkovyans que dominavam a maior parte do continente com um punho de ferro. Uma pequena fação de desertores mantinha o controlo de Lyveria, no norte do continente, e o meu pai aventurara-se naquele território enquanto missionário, para converter os Lyverians à glória do nosso santo e bom país.

Tinham-se passado dois meses desde o seu desaparecimento e presumível assassinato às mãos dos desertores, o que me deixava a mim e à minha irmã, a Aleysia, aos cuidados da Agatha, a nossa avó, não de sangue, mas porque casou com o nosso avô. Era uma mulher intolerante, que provavelmente nos atiraria a ambas para a floresta com as suas próprias mãos, se o meu avô não tivesse insistido no nosso cuidado quando redigiu o seu último testamento.

— E agora? — murmurei, enquanto olhava para a floresta negra e interminável por entre as lágrimas que me inundavam os olhos e tentava imaginar como poderia ser o meu futuro.

As raparigas solteiras que não tinham um pai para as proteger sofriam um de dois destinos. Ou eram rapidamente forçadas a casar, ou eram enviadas para servir a igreja como uma dos Véus Vermelhos — mulheres religiosas que eram ordenadas a adorar obedientemente o Deus Vermelho até ao fim das suas vidas. Mesmo que quisesse casar-me, e não queria, toda a paróquia me considerava uma pária, por isso, a probabilidade de conseguir um pretendente respeitável era escassa.

O que só me deixava uma opção disponível. Mas a verdade é que mais depressa me enfiava na floresta do que me disporia a sofrer os horrores que tantas vezes ouvi serem atribuídos aos Véus Vermelhos. O menos mau de todos era cortarem as línguas às mulheres para que cumprissem um voto de silêncio. Tanto quanto sabia, as consideradas mais impuras sofriam a doutrinação mais violenta, sendo muitas vezes espancadas até se tornarem submissas e obrigadas a suportar largos períodos de isolamento.

Ainda assim, pontadas de ansiedade trespassavam o meu peito ao pensar em ser separada da minha irmã, a única pessoa que alguma vez demonstrou um amor incondicional por mim. Ela foi a única pessoa disposta a ver para lá da bebé amaldiçoada abandonada à entrada da Floresta Devoradora, não obstante o que a associação comigo pudesse significar para a sua reputação. Como herdeira legítima de Godfrey Bronwick, tinha uma probabilidade maior de se casar, embora não com alguém escolhido por si. O que significava que se me *obrigassem* a entrar para a vida religiosa, só ia ver a minha irmã nas cerimónias ocasionais de Banimento, obrigatória para todos os membros do clero.

A quantidade de vezes que a Agatha ameaçou que me mandava para o convento para «perceber o que é a devoção» dizia-me que o meu destino estava traçado.

Nenhuma das opções era apelativa, mas dos dois males que podia enfrentar, pelo menos o casamento ter-me-ia oferecido uma vida longe do templo claustrofóbico onde as mulheres do clero eram obrigadas a residir. Pior ainda, enquanto Véu Vermelho, estaria à mercê do Sacton Crain, o membro hierarquicamente mais elevado da Igreja, que não se pouparia a esforços para fazer da minha vida um verdadeiro inferno. Um homem não só conhecido pelas expectativas inflexíveis que tinha dos outros e pela misoginia dissimulada, mas também pelas punições pouco ortodoxas que levava a cabo, onde se incluíam espancamentos em rabos desnudos, sobre os seus próprios joelhos.

Esmaguei a folha com os punhos cerrados enquanto me permitia imaginar semelhante castigo.

Recusava sujeitar-me a ele.

Ou a qualquer outro homem, já agora.

Apesar de mal ter conhecido o meu pai adotivo, e de não nutrir um grande amor por ele por conta da sua ausência constante, a mera existência dele não só servira de amortecedor entre mim e a Agatha, como também me protegera de ter de considerar um futuro enquanto Véu Vermelho.

A sua morte foi uma tragédia em todos os sentidos da palavra, e, pela primeira vez na minha vida, temia o que o futuro me podia trazer.

Deixaste para trás uma bela confusão, pai. E para quê?

A ira que guardava em relação ao meu pai estava errada, tinha essa noção, mas, caramba, será que ele alguma vez pensou nas consequências dos seus atos? Terá considerado a mera *possibilidade* de morrer e de deixar a família a sofrer a fúria da sua amada fé? Que eu e a minha irmã ficaríamos aos cuidados da única mulher no mundo que nos odiava mais do que aos joanetes de que se queixava incessantemente?

Só me apetecia gritar para o vazio. Queria esganar o destino com as duas mãos por ter mergulhado os seus dedos impregnados de veneno nas nossas vidas.

Enquanto matutava sobre os potenciais resultados daquela situação, as fagulhas melancólicas do desgosto que cintilavam no meu peito enroscaram-se e de seguida expandiram-lhe, alimentadas pela fúria crescente que me invadia. Era uma chama discreta que ia aumentando de intensidade acompanhada do desejo de se libertar. Senti todas as emoções que mantinha escondidas por receio de parecer possuída pelo Diabo, como frequentemente eram acusadas as raparigas que se atreviam a sentir demasiado.

A minha fúria recusava-se a ser abafada à medida que uma imagem desoladora se enraizou na minha realidade.

Maldito sejas!, gritei no interior da minha cabeça.

Embora alguns pudesse sentirem-se inclinados a culpar os desertores pelo assassinato do meu pai, eu não o fazia. Culpava, sim, o deus que exigia sangue dos seus fiéis. O deus tão *venerado* que separava famílias e bania os inocentes. A entidade invisível que era mais temida do que a criatura que cirandava pela floresta. Aquele a quem o meu pai prometera a sua devoção eterna.

Olhei de relance para a parte de trás da carta onde, por ressentimento e despeito, escrevera «O Deus Vermelho não é real». Eram palavras que

me arranhavam o crânio de todas as vezes que me ajoelhava para rezar. As mesmas que quase me saíram dos lábios enquanto levava chicotadas por alguma ofensa obscura que cometera contra ele. Pronunciar uma frase desta natureza em voz alta marcar-me-ia como uma herege.

Uma bruxa.

Oh, como aquilo daria tanto que falar em toda a maldita paróquia, porque se alguém encontrasse a carta e visse o que escrevi nela, certamente seria banida para esta mesma floresta. Claro que a podia ter queimado e todos os vestígios da minha blasfémia despareceriam com o fogo. Mas ansiava por lançar aquelas palavras ao vento evê-las a viajar até um lugar onde ninguém se atreveria a entrar para as recuperar.

Queria enviá-las para as profundezas das árvores famintas que engoliriam quem lá entrasse.

Abri a boca para deixar sair o grito que implorava por libertação. A fúria e a frustração comprimiam-me os pulmões com tanta força que era doloroso respirar. De boca aberta, fitei novamente a carta por detrás do véu de lágrimas que me enchia os olhos e soltei um mero suspiro trémulo. As emoções permaneceram entaladas na minha garganta, como acontecera todas as vezes em que fui forçada a reprimir-las com medo do ridículo, do escárnio e da rejeição. Aprendi muito nova que o som de um grito de uma rapariga não provoca nada que não seja apatia.

Além disso, o que importava agora? O meu pai já desaparecera. A partir daquele momento, as nossas vidas jamais seriam as mesmas.

Com o meu olhar fixo, a carta deslizou-me dos dedos e flutuou até ao lado de lá do arco de ramos, onde se deixou cair no chão, agitando-se estranhamente como se fosse um peixe fora de água. As palavras que escrevi tremiam sobre o papel, aparecendo e desaparecendo com cada sacudidela da folha. Até que o pergaminho serenou e uma nova frase apareceu onde a minha existira antes, escrita com a mesma caligrafia apressada com que eu ali escrevera: Deus é Morte.

Franzi o sobrolho, a minha mente a ponderar a possibilidade de ter sido eu a escrevê-las.

Mas não fui.

Deus é Morte? O que raio sequer significava aquilo?

Quando estendi a mão em direção ao papel, atrevendo-me a chegar com os dedos para lá da entrada proibida, senti uma perturbadora brisa confusa a rastejar-me pelo pescoço. Precisava de ver aquelas palavras de perto, para confirmar que não estava a imaginá-las.

Curvei-me para recuperar a folha e uma pontada de dor aguda espalhou-se pelo meu antebraço.

— Raios partam!

Ao levantar o braço, vi que a manga do vestido estava rasgada até ao cotovelo, onde o sangue escorria de um golpe na parte de dentro do antebraço. Um traiçoeiro pedaço de osso, espetado no arco da entrada, tinha pequenos fiapos de tecido, confirmando que era o responsável pelo corte, e um pedaço de renda manchada de sangue esvoaçava da ponta aguçada. Quando um som crepitante se ergueu sobre o ruído das folhas das árvores, franzi o sobrolho com mais força, e, enquanto observava, espirais de fumo branco ergueram-se do osso e os pingos de sangue outrora vermelhos assumiram um tom preto.

A luz tremeluziu à frente dos meus olhos e toda a floresta se agitou com um fulgor translúcido. Arquejei ao ver o fenómeno, os meus olhos fixos naquela peculiaridade e tentando perceber se o que estava a ver era real. Já ouvira histórias de viajantes marinhos que se deparavam com paredes cintilantes, a milhas e milhas de terra seca, que os obrigavam a alterar as suas rotas e a regressar ao ponto de partida. Creio que, contudo, estes eram os que tinham sorte. Os outros, dizia-se, eram engolidos por tempestades monstruosas e os seus navios nunca mais voltavam a ser vistos.

Enquanto segurava o braço ferido, uma rajada de vento forte levantou a carta do chão e levou o papel branco para as profundezas das árvores negras. A brisa errante soltou-me o cabelo do gancho de rosa preta e despenteou os caracóis compridos e irreverentes, espalhando-os sobre a pele como se fossem dedos fantasmagóricos. Ao mesmo tempo, fui inundada por pensamentos pavorosos sobre o que podia acontecer se, por um capricho do destino, o vento levasse a carta diretamente para as mãos do governador ou do Sacton Crain.

Ou talvez tivesse medo de não me preocupar com o que acontecesse.

Depois, tão depressa como surgiu, o vento que me rodeava amainou. À medida que um silêncio sinistro me acariciava os ossos, vi a carta a desaparecer de vista.

Já não estava ali.

Olhando para o sangue que ainda escorria do golpe, fui para casa para o limpar.

Um som crepitante chamou a minha atenção.

Como fizera antes, olhei para a floresta brumosa à procura da sua origem.

Silêncio. Quietude.

Nada.

O som débil de uma criança a rir ergueu-se por entre as árvores num eco fantasmagórico.

— Maevyth — murmurou a voz alegre, e o som do meu nome provocou-me um arrepião na pele.

Olhei para os troncos ensombrados das árvores, recordando uma das principais regras da floresta: *Nunca respondas ao teu próprio nome.*

— Deus é Morte — insistiu a voz, ecoando as palavras que li na carta.

Uma explosão de negrume saiu disparada da floresta na minha direção e derrubou-me.

O chão coberto de geada embateu contra a minha espinha e tirou-me todo o ar dos pulmões, até me virar de lado, a tossir. Um bando de corvos levantou voo por cima da minha cabeça e o ruído do bater das suas asas pontuava o gransnar sonoro. Passaram velozmente por mim como se tivessem assustado com alguma coisa e o meu coração bateu descontrolado dentro do peito, os pulmões voltaram a encher-se de ar.

Até que a agitação se acalmou finalmente e me virei, arquejante, para a entrada da floresta. Restava ali apenas uma ave, empalada pelo peito por um osso aguçado, um espinho de marfim malévolos como o que me cortara o braço. Debatendo-me para recuperar o fôlego, observei à medida que o pássaro indefeso se contorcia e piava, o sangue a pingar sobre as pedras brancas que se aglomeravam aos pés do arco. Um brilho entrou nos olhos do pobre pássaro, chamando a minha atenção por ser algo tão invulgar.

Sem desviar o olhar, levantei-me lentamente e caminhei na sua direção, ainda com todos os músculos a estremecer, mas quando cheguei perto, o corvo já não se mexia. Mesmo sem vida, o brilho prateado

e estranho dos seus olhos era uma distração extraordinária, que me fez questionar se a ave já estaria doente antes de ser espetada pelo osso.

O brilho vítreo e sobrenatural, tão frio e aguçado, refletiu a minha imagem num vislumbre arrepiante de um mundo do lado de lá. Um lugar que temia imaginar.

Da morte.

Enquanto fitava a pobre criatura e via o sangue a pingar sobre os ramos, uma dor avassaladora instalou-se no meu peito.

Depois de olhar rapidamente em redor para me assegurar de que ninguém me via, levantei as mãos e envolvi nelas as asas grandes do pássaro. O sangue morno escorreu pelo meu pulso e misturou-se com o meu, à medida que partia os ossos e a madeira que seguravam o corvo. Os meus braços estremeceram com o esforço, mas o corvo não saía. A gemer, puxei com mais força ainda.

— Vá lá. Solta-te!

Apoiei a bota no arco de árvores e canalizei todos os meus músculos para a tarefa.

Um pio sonoro fez-me voar para trás e gritei, caindo pela segunda vez. O pássaro jazia no chão ao meu lado, o seu peito a erguer-se com dificuldade. O sangue escorria do canto do seu bico, vermelho contra o chão coberto de neve pálida como um fantasma, enquanto se contorcia dolorosamente. Não sei como, conseguiu pôr-se de pé e saltitou dois passos na minha direção antes de cair novamente. Os meus olhos encheram-se de lágrimas ao ver a pobre criatura a abrir e a fechar o bico, como se tentasse dizer-me o que estava errado. Quase o ouvia a implorar por misericórdia. O seu ferimento era fatal, o osso que lhe trespassara o peito demasiado grande para ter falhado algum órgão vital, e via a sua vida a esvair-se à frente dos meus olhos.

Faz qualquer coisa. Não o deixes sofrer.

O meu estômago contorceu-se perante a possibilidade. Em certa ocasião, vi o meu avô a cortar o pescoço a uma corça com poucos dias que tinha sido gravemente ferida por um falcão. Na altura, ele disse-me que aquele era um ato de misericórdia.

Com relutância, tirei do bolso da saia uma pequena faca de ponta aguçada que usava para cortar fruta. A mesma que a Agatha tentara confiscar repetidas vezes, sem sucesso. Com as mãos a tremer, tirei-a

da bainha de tecido improvisada e pus-me de joelhos para encostar o corvo à minha perna. Quando se debateu contra mim, expirei hesitante e levantei-lhe o pescoço para deslizar a lâmina da faca de um lado ao outro, estremecendo ao mesmo tempo que o meu estômago se comprimia. *Um ato de misericórdia*, disse-me ele, mas o meu coração invocou um soluço silencioso do fundo do meu peito. Até àquele momento, nunca matara uma criatura com as minhas próprias mãos.

Que fardo tão pesado, ver um ser vivo a morrer.



Capítulo 2

Maevyth

Expirei o meu remorso em pequenas nuvens brancas de ar gélido e afrouxei a mão ao perceber que o pássaro já não se mexia. O corpo já estava frio e rígido.

Depois de olhar rapidamente em redor, limpei as lágrimas e peguei no corvo, aninhando-o na curva do meu braço enquanto o levava em direção à orla da floresta. Encontrei uma pedra plana por baixo de um arbusto de azevinho e desviei-a para escavar um pequeno buraco sob as folhas. O ar frio do início do inverno cortou-me as mãos e deixou-as dormentes enquanto me apressava para concluir a tarefa. Assim que cavei o suficiente, deitei o corvo e sepultei-o ali. As bagas tóxicas do azevinho iam afastar as criaturas dali, mas pelo sim pelo não, arranquei algumas que espalhei sobre a campa pouco elegante.

Os homens da paróquia acreditavam que os corvos eram prenúncios de morte. Também pensavam o mesmo de mim, pelo que talvez partilhasse uma certa afinidade com as aves nefastas. Dizia-se que, no dia em que me encontraram perto da floresta, o meu cesto estava rodeado por um bando de corvos. Gostava de pensar que estavam a guardar-me, mas havia quem encarasse a guarda como um sinal. Um sinal terrível.

Desde então, toda a paróquia me marcara como amaldiçoada.

A Abandonada.

Foi este o nome que gravaram sobre o meu coração como uma cicatriz no meu primeiro batismo, quando me dediquei ao seu deus. Quando pronunciei as palavras que me prendiam ao seu salvador impiedoso. Mas, à semelhança da floresta que devorava com voracidade e tinha sempre fome para mais, a minha devoção não era o suficiente para cair nas boas graças da povoação, que continuava a olhar para mim como se fosse uma aberração.

Nem imaginava o que diriam de um corvo de olhos prateados.

Pelo canto do olho, vi movimento e virei-me para a pequena casa de telhado de colmo que se erguia no limiar da floresta; vi uma mulher

de cabelo branco, meio curvada pela cintura, a tirar um braçado de lenha de uma pilha que ali se aglomerava. Era o suficiente para o inverno e interrogei-me como a teria a própria conseguido cortar. Afinal, ninguém teria querido ajudá-la.

Enquanto eu tivera sido posta de parte pelos habitantes de Foxglove Parish, aquela mulher era verdadeiramente temida por todos. *A Bruxa Velha*. Corriam rumores de que assassinara o marido e comia corações de crianças. Suspeitava que, se não fosse pelas suas habilidades curativas que há anos salvaram o filho do governador de uma febre violenta, teria sido banida para a Floresta Devoradora, como acontecia a todas as acusadas de feitiçaria. Para a maior parte das pessoas, aquele seria um destino letal, mas a Bruxa Velha era ocasionalmente útil, o que lhe proporcionava mais clemência do que eu alguma vez recebera.

Enquanto arrastava os pés ao regressar a casa, virou-se para trás e olhou para mim. Um medo inexplicável instalou-se dentro dos meus ossos. Ter-me-ia visto? Iria contar a alguém o que eu fizera? Se alguém descobrisse que tinha enterrado o corvo, seria certamente interrogada. Examinada. Possivelmente até exorcizada para expulsar os maus humores.

Limpei o pulso ao tecido negro do vestido enquanto ponderava todas as consequências possíveis dos meus atos.

Podia desenterrar o pássaro. Atirá-lo para a floresta, mas era pecado desenterrar um animal morto e, para mim, até os corvos contavam como uma vida preciosa.

O bater arrastado de asas interrompeu os meus pensamentos e virei-me para ver outros corvos a debicar o chão para comerem as bagas que acabara de espalhar sobre a pequena sepultura.

— Ei! Deixem as bagas! Xô daqui! — exclamei, acenando com a mão para os afugentar. No meio da confusão, vi ao longe o vislumbre de um estandarte vermelho com uma cruz.

A proclamação do Banimento.

Estava tão concentrada na congregação que se aproximava que nem vi a Lolla, a governanta e confidente da minha avó, a atravessar o campo na minha direção, até que esta falou.

— Pelos olhos do Senhor, Maevyth, o que estás a fazer?

Sobressaltada, virei-me para a ver a manter uma distância segura da floresta, como se tivesse medo de que o negrume a puxasse para si se se aproximasse demasiado.

Acenou-me com a mão boa para me aproximar. O outro braço fora cruelmente amputado pelos Serra-ossos, um bando de sanguessugas ras-teiros e sem escrúpulos que cobravam dívidas em nome do Governador Grimsby. A Lolla, ou Delores, como todas as outras pessoas a tratavam, não conseguira pagar os impostos e fora afastada da casa da sua família. O meu avô teve pena dela e acolheu-a em casa há muitos anos, para ser a companhia da Agatha, embora a minha avó a tratasse frequentemente como se a pobre mulher fosse um reles animal de estimação.

— O governador está a chegar e tu andas aqui a passear perto das malditas árvores, rodeada por estes pássaros amaldiçoados. Por favor, vem. Rápido. — Não importava que já tivesse 19 anos, uma mulher feita para aqueles que cuidavam destas coisas, a Lolla continuava a tratar-me como se fosse uma criança.

E por motivos que não conseguia explicar, continuava a obedecer-lhe.

Ao abandonar a campa do corvo, escondi o braço ferido atrás das costas, ao encaminhar-me para a mulher mais velha e assim que fiquei ao alcance do seu braço, começou logo a mexer-me com a mão. A manga do seu vestido estava presa para ocultar o braço mutilado pelo cotovelo. Os Serra-ossos nunca hesitavam em cortar primeiro e fazer perguntas depois e o trabalho horrível que deixavam para trás demorava a apatia com que desempenhavam as suas tarefas.

— Por Deus, se alguém te visse agora... — comentou, sacudindo o que parecia não ser mais do que vento invisível nas minhas saias. Ao contrário do brocado floral que compunha o corpete azul egípcio que usava por cima da túnica castanha, o meu vestido era preto e simples, como todos os que fora obrigada a usar desde criança. Ao pescoço, usava uma gargantilha preta com um crucifixo da trindade, adorno que o governador decretou que devia usar permanentemente como lembrança da enorme misericórdia que o nosso Deus Vermelho me concedera. O mesmo símbolo que o meu pai devia usar quando foi chacinado em nome dos Homens Santos.

Passei o dedo sobre uma das flores em relevo no tecido que lhe cobria os ombros e ansiei pelo dia em que também eu poderia usar algo tão elegante.

Ignorando a minha carícia, a Lolla continuou a sacudir-me e a aprumar-me.

— Credo, ainda por cima rodeada de corvos, com tanta criatura que há no mundo. Se te vissem, acusavam-te logo de bruxaria.

Os habitantes de Foxglove já me tinham chamado coisas piores. Depois de me encontrarem, o inverno foi o mais gélido da história da paróquia e a comida escasseou. O verão seguinte produziu colheitas doentes que murcharam antes do tempo. De acordo com os meus contemporâneos, eu era a causadora da fome, eu, uma mera criança, responsável pelas pragas que destruíram as colheitas.

— Sempre me disseste que uma bruxa tinha muito mais dignidade do que qualquer um dos paroquianos.

Ela enrugou a testa com uma expressão pesarosa, enquanto abanava a cabeça.

— Oh, pelos céus, o melhor é manter a minha maldita boca fechada quando tu ou a tua irmã estiverem por perto. Só serve para alimentar ainda mais a vossa rebeldia. *Sobretudo* a da Aleysia. — Entalou uma madeixa de cabelo atrás da minha orelha, mas os caracóis desobedientes recusavam-se a ficar no sítio. — As coisas que dizes ainda vão ser o teu fim. Esquece-as. E quaisquer outras que possa ter dito sem pensar, já agora. — Quando alcançou o meu braço, onde o vestido rasgado mostrava o sangue que ainda me manchava a pele, franziu o sobrolho. — Mas o que...?

— Oh, cortei-me num ramo. Não é nada de mais. — Não me dei ao trabalho de mencionar o corvo. Por muito que adorasse e confiasse na Lolla, porque a conhecia desde a minha infância, ela tinha tanto medo daquelas aves como qualquer pessoa e não deixaria de ralhar comigo.

— Pois bem, tens de limpar o braço. Não podes ir nesse estado para o Banimento. — A carranca suavizou-se e passou a mão sobre o meu cabelo preto com ternura. — Como te estás a aguentar? — quis saber, referindo-se sem dúvida à carta que recebera.

— Com uma necessidade extrema do vinho mais forte que o avô tinha na adega.

Um sorriso curvou os seus lábios e revirou os olhos.

— Precisamos todos. Mas ainda é muito cedo para nos termos a beber.

— Pousou a palma da mão ao meu rosto e suspirou. — Está quase na hora.

Eram aquelas as palavras que tanto temia.



Capítulo 3

Maevyth

Olhei uma última vez para a floresta atrás de mim.

— Vem — disse a Lolla, entrelaçando o braço no meu e incentivando-me a atravessar a estrada pedregosa que dividia a floresta da casa de dois pisos coberta com heras e musgo. Além da casa da Bruxa Velha, a habitação mais próxima ficava a mais de dois mil passos (contei-os muitas vezes enquanto ia a caminho da cidade), porque mais ninguém se atrevia a viver tão perto da Floresta Devoradora. No entanto, o solo ali era o ideal para cultivar as bagas morum, e, por isso, o meu avô não resistiu a comprá-lo, não obstante os rumores sobre o que vivia por entre as árvores. A nossa casa ficava nos arredores de Foxglove, na parte rural, longe o suficiente da cidade para nos sentirmos perfeitamente isolados, mas ainda perto o suficiente para alimentar os mexericos.

Uma placa antiga espetava-se meia torta no relvado eternamente brumoso em frente a casa, a tinta que indicava as Vinhas Black Sparrow já lascada e esfolada. O meu avô construirá o seu legado de produção de vinho de bagas morum, mas este entrara rapidamente em declínio quando, depois da sua morte, a Agatha assumiu os negócios. As dívidas foram-se acumulando por conta dos gastos extravagantes a que se acostumou e fora forçada a vender quase todos os bens do meu avô, exceto a casa, que, entretanto, se degradara. O cuidado que o avô Bronwick dedicara à vinha desapareceu com a negligência da Agatha até que os pés deixaram de produzir bagas. Com o pouco dinheiro que lhe restava, a Agatha investiu numa casa mortuária, decidindo que os mortos nunca a deixariam cair na penúria. A adorada adega do meu avô transformou-se numa morgue, e os dez hectares de vinhas num cemitério descuidado onde se enterravam os defuntos. Os restantes hectares onde ainda havia pés de bagas viáveis serviam de ingrediente principal para os óleos e venenos que eu e a minha irmã Aleysia tínhamos de produzir para a Agatha vender. Sim, venenos. Embora muitos fossem efectivamente usados para controlar roedores e pragas, outros encontravam

o seu propósito em sinistros frasquinhos pretos. E que melhor forma havia para manter o negócio do que forjar um caminho para a morte?

Quando chegámos a casa, a Lolla apressou-me para lá do que se tornara na sala de velórios, até à casa de banho. Fiquei em frente ao lavatório, enquanto ela me limpava com um pano quente. Depois procurou um creme de cicatrização no armário. Tudo aquilo não passava de banha da cobra, na verdade. O fedor da sanitá atrás de mim, que mais parecia ter alguém morto lá dentro, misturou-se com o nervosismo que me assolava perante o Banimento iminente a que ia assistir. A profundidade perturbadora do ferimento no meu braço também não ajudava a tranquilizar-me, e ao observar como a pele que o contornava se desfazia com o pano da Lolla, engoli em seco para impedir que o pequeno-almoço me subisse à garganta.

— Achas que preciso de pontos? — Franzi o sobrolho ao constatar que via carne rosada suficiente para me dar a volta ao estômago. Por muitos cadáveres que já tivesse visto a entrar e a sair da morgue, e até era eu própria que tinha de levar alguns num carrinho, continuava a não aguentar ver sangue.

— O corte é profundo, mas acho que talvez cicatrize por si só. Tens a certeza de que é só um golpe e não foi uma mordida de uma daquelas criaturas horrorosas? — insistiu e, para meu alívio, parou de limpar a maldita ferida com o pano.

Se tivesse sido uma mordida de um corvo, o mais certo era o governador mandar amputar o meu braço.

— Tenho a certeza absoluta. — Levantei o braço para lhe mostrar o golpe hediondo. — Um corvo precisaria de ter um bico gigante para conseguir fazer isto.

— Ou de ter dentes. Alguns têm demónios dentro deles, sabias?

— Olha, essa é nova. — Resfoleguei, resistindo à vontade de revirar os olhos perante mais uma das suas superstições.

Depois de examinar rapidamente o ferimento, assentiu.

— Protege-o com uma ligadura, mas depressa, que é quase meio-dia.

— Saiu da casa de banho a arrastar os pés e, a gemer, peguei no pano que ali deixara e envolvi-o ao braço. Com a ajuda dos dentes, dei um nó com a outra mão e puxei a manga preta para esconder tudo. Com o golpe já protegido e oculto, subi as escadas para o primeiro andar.

Apesar de haver muitas divisões no piso superior, eu e a Aleysia partilhávamos um quarto no sótão frio, ao qual se acedia por mais uma escada apertada. Nós as duas podíamos perfeitamente viver sozinhas, mas a lei Vonkoyan ditava que uma mulher solteira não podia ter propriedade em seu nome.

Quando entrei no quarto, a Aleysia estava em frente à janela, o seu vestido grená uma pinçelada de cor que contrastava com as paredes monótonas em cinzento. Do teto sobre a sua cabeça pendiam pequenas bolsas brancas decoradas com flores secas e cheias de ervas. Chamavam-se tecelões. Eu e a minha irmã fazíamos estas bolsas para afastar os pesadelos — uma aflição que nos atormentava às duas. Os caracóis louros e selvagens caíam sobre os seus ombros — um contraste com os meus *cachos pretos de bruxa*, como a Agatha lhes chamava. Apesar de o meu aspetto ser um pouco mais sombrio do que o da minha irmã mais velha, a sua personalidade era muito mais imprudente. Era um traço que irritava muito mais a Agatha do que a minha reputação de amaldiçoada. Aos olhos da Agatha, ser a filha biológica do nosso pai também não abonava muito a favor da Aleysia.

Atravessei o quarto até chegar ao seu lado e vi o que, sem dúvida, lhe chamara a atenção. Para lá da janela, duas fileiras de clérigos vestidos com mantos vermelhos e pretos — os Homens Santos — conduziam o que presumi que fosse o prisioneiro, apesar de ser difícil de ver por entre tanto tecido e adorno exuberante. Atrás deles vinham dois militantes Vonkoyans, que viviam em Foxglove, para manter a paz. Com os seus chapéus pretos pontiagudos, protetores de ombros e anteparos nas mãos, as jaquetas pretas pairavam como sombras por baixo dos sobretudos vermelhos que envergavam.

Eram seguidos por uma longa procissão de paroquianos que não tinham escolha senão ir atrás deles. Mas quem prendeu a minha atenção por entre a multidão foram os Véus Vermelhos e bastou-me vê-los para me sentir inundada por uma nova vaga de ansiedade.

— Vamos dizer alguma coisa a respeito do pai?

— O que há para dizer? — retorqui a Aleysia com frieza. — Sinto uma certa dificuldade em preocupar-me com um homem que esteve ausente durante a maior parte da minha vida.

— Entendo isso, Aleysia, mas sabes o que isto significa. Suspeito que para ti não será difícil casares com relativa rapidez. Mas eu vou ser uma delas. — Apontei para as mulheres com os véus altos vermelhos que serviam como presságio profético do fim da pouca liberdade que tinha antes daquela carta chegar. — A Agatha vai certificar-se disso.

— Eu não prometi que te protegia, irmã?

Recordei os dias em que nos escondíamos na adega do nosso avô e as promessas sussurradas na escuridão.

— Desde que éramos crianças. Mas como vais conseguir proteger-me agora? O meu futuro tem apenas duas vias possíveis e não há uma única alma em Foxglove Parish que queira arriscar-se a casar com *A Abandonada*. E mesmo que houvesse, para mim, esse destino é pouco melhor do que o outro.

— *Eu* vou casar e a seguir reclamo-te como minha protegida.

— Só podes fazê-lo se o teu marido *permitir* semelhante situação — argumentei.

— Oh, ele vai permitir. — Sorriu, como se já estivesse a par das intenções do seu futuro, e por enquanto desconhecido, pretendente. — Mas não vamos falar disso agora. Estou exausta de preocupação com a morte do pai.

O sentimento era mútuo. Desde que lera aquela carta que já passara por todas as emoções — tristeza, medo, ressentimentos e uma fúria indisfarçável. Mas ao contrário da minha irmã imprudente, não conseguia desligar os pensamentos com a mesma facilidade. Nem perante a distração da marcha lenta da congregação a caminho da orla da floresta.

— Achas que os Homens Santos usam alguma coisa por baixo dos mantos? — perguntou a Aleysia, a pergunta indiscreta a interromper o silêncio que se instalara entre nós. — Ou será que as pendurezas deles andam a oscilar de um lado para o outro enquanto caminham? Tipo a tromba de um Pendulnyx, sabes?

Por muito que quisesse conter o meu divertimento, não consegui evitar sorrir.

— O que teve de morrer na tua alma para te pores a imaginar uma coisa tão horrível? E o que nos sete infernos te faz pensar que seria tão comprido como a tromba de um Pendulnyx?

Ela suspirou e mordeu o lábio inferior.

— Uma rapariga pode sonhar.

Reprimi uma gargalhada e abanei a cabeça.

— Que nojo. Palavra de honra.

— Se me disseres que nunca pensaste nisso, estás a mentir. A avaliar pela forma como o Sacton Crain se encosta a ti... — agarrou-me no vestido, pôs a perna em volta da minha e aproximou as ancas contra mim. — Como estás hoje, minha querida Penitente?

O Sacton Crain sempre me evitara como se eu tivesse peste, o que por mim estava muito bem, mas já ouvira relatos de que era muito atrevido com algumas das raparigas durante as horas de estudos da bíblia. A mera ideia do que ele podia ter feito dentro de portas fez-me sentir uma raiva renovada por ele, mas antes de ter tempo para me demorar nela, a Aleysia espetou os dedos nas minhas costelas e arrancou-me dos meus pensamentos com as cócegas.

Enquanto me debatia contra as suas mãos, soltei uma gargalhada e ela agarrou-me ainda com mais força, enquanto se esfregava na minha perna como um maldito cão excitado.

— Não, espera. Estou quase... só mais uma... prometo...

— Tu és absolutamente repugnante! — gritei a rir, enquanto a empurrava pelo ombro para se afastar do meu corpo.

— Oh, Deus Vermelho... oh, misericordioso senhor da luxúria... que estou a... estou a...

— Meninas! — A voz troante fez com que os meus músculos se retesassem e a Aleysia largou-me ainda a rir. — Não há nada de engracado no dia do Banimento.

Pigarreei e endireitei os ombros para me virar para trás e encarar a mulher desprezível que parara no topo das escadas do sótão. Vestia um vestido cru por baixo de uma bata verde-musgo e apoiava-se numa bengala velha desgastada. Se as minhas feições eram consideradas intensas, as da Agatha eram verdadeiramente austeras. Usava, por norma, o cabelo prateado apanhado num coque apertado na nuca, o que evidenciava os seus olhos negros e encovados, que sob certas luzes pareciam pretos, e a pele fina e macilenta esticava-se sobre os ossos afilados. Era parecida com uma das muitas caveiras que o seu filho mais velho, o tio Felix, gostava de colecionar.

— Desculpe, Agatha — disse eu.

A Aleysia fez uma vénia, um gesto de troça.

— Sim, lamento muito. O dia do Banimento é, de facto, um dia de infelicidade, sobretudo para o acusado.

— Cuidado com a língua, rapariga. — A Agatha estendeu o dedo com a longa unha amarelada que usava frequentemente para mexer o chá. — Se não fosse pelo coração misericordioso do vosso avô, vocês as duas já estariam a viver na mais profunda pobreza.

— E seríamos certamente mais felizes — resmungou a Aleysia entre dentes. Dei-lhe uma cotovelada nas costelas.

— Ajeita a tua roupa. — A ordem foi dirigida à Aleysia, que usava muitas vezes o vestido de baixo descaído nos ombros.

A minha irmã pareceu ponderar as palavras da Agatha e cerrou os maxilares enquanto puxava o tecido para cima dos ombros.

— Como está o fornecimento de óleos? — perguntou com maus modos, tirando um pelo da sua saia. — Espero ter muitos pedidos depois da cerimónia de hoje. — Nos seus esforços incansáveis de recuperar a riqueza que desperdiçara, a Agatha obrigava-nos, a mim e à minha irmã, a converter as folhas dos arbustos que já não davam bagas morum em óleo, que dizia afugentar os espíritos malignos. Era uma mentira que ela mesma criara, depois de mentir e espalhar por todo o lado que foi assim que me curou depois de eu ter sido possuída, no último inverno.

Tive uma febre alta que me deixou com tremores, mas claro que ela ia associar uma simples doença física com o oculto. Mas nem tudo era mau, pelo menos o óleo de folhas de morum era maravilhoso para a pele quando usado na água do banho e cheirava tão bem como as bagas.

— Temos uma grade inteira. Penso que é mais do que o suficiente — respondi, já que tinha sido eu a engarrafar tudo na véspera, depois de a Aleysia desaparecer não sabia para onde.

Ela tamborilou com o dedo no cimo da bengala.

— E quanto ao Dente de Cobra?

O óleo era, em grande medida, uma patranha. O produto mais lucrativo da Agatha era o veneno, o subproduto da flor dos arbustos de morum que, quando esmagadas num pó fino e consumido durante algum tempo provocava coágulos no sangue. O meu avô usara-o durante muito tempo para controlar os ratos, mas tinha o mesmo

efeito nefasto nas pessoas. Por vezes, causava ataques cardíacos. Outras vezes apoplexias ou embolismos pulmonares. Como o resultado nunca era o mesmo, ninguém suspeitava de nada sinistro e a Agatha nunca se esforçara para divulgar a sua produção de veneno. Ainda assim, conseguia manter um bom negócio, tanto em Foxglove como noutras localidades.

— Há bastante. — Embora a minha participação fosse indireta, eu nunca vendia os produtos, a culpa pesava-me demasiado. Tentava dizer a mim mesma que quem comprava o veneno queria ver-se livre dos ratos, de uma maneira ou de outra. Mesmo assim, com o tempo aprendi a acrescentar nastúrcios esmagados para reduzir a potência do veneno, o que ajudava a acalmar a minha consciência.

— É bom que haja mesmo bastante. Agora despachem-se. Se se atrasarem, considerem-se dispensadas do jantar. — Levantou o olhar e acenou em direção aos tecelões pendurados pelo quarto. — E livrem-se destas malditas bolsas! — Com isto, saiu a coxejar. Quando já não a víamos, a Aleysia soltou um gemido.

— Juro-te, se ela desse uma boa foda, só uma, seria uma pessoa completamente diferente.

Abafei uma gargalhada e atravessei o quarto para ir buscar o meu manto de capuz, que me fazia sentir menos exposta no meio da multidão.

Depois de nos vestirmos, descemos do sótão para o primeiro piso da casa.

Ao som de um assobio, ambas nos virámos para vermos o tio Riftyn a aparecer atrás de nós, consertando o punho do casaco.

— Vocês as duas são um bálsamo para a vista.

Os seus lábios curvaram-se num sorriso de esgueirinha que originou uma covinha no rosto. Era o filho mais amado da Agatha, se é que a mulher era capaz de amar alguém. Com cabelo castanho-claro e olhos azuis brilhantes, devia ter herdado os traços do pai, já que não era nada parecido com o irmão, o tio Felix, o armador fúnebre residente, que passava a maior parte do seu tempo na adega com os cadáveres. Alto e esguio, o tio Felix parecia um verdadeiro cangalheiro e os seus olhos lentos e negros, assim como o rosto perpetuamente encovado, tudo nele me provocava arrepios.

— Oh, muito obrigada, tio. — O tom sedutor da voz da Aleysia chamou-me a atenção para o seu lábio inferior, que mordia com afinco.

— Tio, mas não de sangue — corrigiu o Riftyn.

— Sim, *não* de sangue. Também estás muito bonito.

Fitando a minha irmã com um sorriso parvo, fez uma vénia delicada e foi-se embora.

Incentivada pelo sorriso que ainda lhe pairava nos lábios, olhei para a Aleysia com ar reprovador.

— Que estranho. Ele faz menção de que não é tio de sangue como se isso implicasse que não há uma relação familiar de todo.

Ela encolheu os ombros e ajeitou os caracóis que caíam em cachos dourados sobre os ombros.

— Não há relação de sangue.

— E isso importa? — Apesar de ser verdade que o Riftyn e o seu irmão, Felix, não tinham um parentesco de sangue com o pai da Aleysia, uma vez que nasceram de pais e mães diferentes, continuavam a ser família. Uma família criada pelo matrimónio da Agatha com o nosso avô, o que era uma relação que a igreja reconhecia ser tão sagrada como a ligação de sangue.

— Importa para quê? — comentou, fingindo ignorância, enquanto vestia um par de luvas pretas.

Em vez de lhe responder, estudei a graciosidade dos seus movimentos, a indiferença absoluta em relação ao que os outros podiam pensar sobre si. A Aleysia sempre fora bonita, desejada. Dizia-se que o seu cabelo dourado fora tecido por anjos quando era bebé. Fazia sentido que qualquer homem, incluindo o tio Riftyn, a achasse atraente. Se não tivéssemos caído sob a custódia da Agatha, ela podia ter sido cortejada pelos homens mais desejados de Vonkovya. Talvez até se tivesse casado com um deles, como era tradição.

Mas as famílias quebradas, incompletas, eram consideradas indesejáveis. Um castigo do Deus Vermelho. E aquelas amaldiçoadas com uma filha herege, como tantas vezes se referiam a mim, asseguravam que jamais encontraria uma boa perspetiva em Foxglove.

— Vemo-nos junto à floresta — disse-me, passando por mim para descer as escadas.

Só um louco iria de livre vontade
à Floresta Devoradora,
o sítio onde os pecadores
entram para morrer.

Encontrada abandonada na orla da floresta quando era apenas uma bebé, Maevyth Bronwick foi olhada de lado durante toda a vida. Desconhecendo as suas origens e os seus poderes, vê-se forçada a transpor o arco de ossos e adentrar o nebuloso labirinto de árvores, mergulhando assim em Aethyria, um mundo sombrio e fantástico com tanto de perigoso como de tentador.

É aí que encontra o imortal Zevander Rydainn, o Escorpião, o assassino mais frio e calculista às ordens do rei de Aethyria que em criança foi amaldiçoado por um feiticeiro cruel. Para se libertar da sua maldição, ele precisa do sangue de Maevyth. Contudo, quando a vê, não é capaz de a matar, acabando por deixar-se cair numa paixão avassaladora pela mortal que ameaça destruir tudo aquilo que já construiu.

Até ele próprio.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

[topseller.suma](#)

[penguinlivros](#)

ISBN: 978-989-589-600-4

A standard linear barcode representing the book's ISBN number.

9 789895 896004